

Desvelamento da percepção dos catadores de material reciclável: possibilidades à resistência

Unveiling the perception of the collectors of recyclable material: possibilities for resistance

Rafael Cardoso da Silva¹; Fatima Elizabeti Marcomin²

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Tubarão. SC. Brasil. rafael.silva33@unisul.br/ORCID 0000-0002-8138-5883

² Doutora em Ciências UFSCar (2002). Professora na Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação e no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Tubarão. SC. Brasil. Email fatimaelizabetimarcomin@gmail.com/ORCID 0000-0001-6217-2754

Palavras-chave:

Catador@s.
Fenomenologia.
Percepção
socioambiental.
Educação Ambiental.

RESUMO: A pesquisa qualitativa, fenomenológica, aborda a Percepção em Merleau-Ponty. Apresenta-se como questão-problema: como @s catador@s de material reciclável se reconhecem/percebem enquanto sujeitos/atores no contexto de atuação na sociedade? As informações da pesquisa (dados) foram “buscadas” junto a seis sujeitos/atores, três do sexo masculino e três do sexo feminino, catador@s residentes em diferentes bairros de um município do sul de Santa Catarina. A busca por informações foi realizada por meio de conversas gravadas, observações, fotos, desenhos, mediante a aprovação dos sujeitos/atores estudados de acordo com documentos submetidos ao Comitê de Ética e Pesquisa. O fenômeno estudado foi interpretado com base em adaptações do Método Fenomenológico de Colaizzi e as suas essências e assertivas principais destacadas, vislumbrando processos e potencialidades de autorreconhecimento, pertencimento e visibilidade dos sujeitos/atores também entre si e a sociedade pelo viés da educação e/ou da Educação Ambiental. Os resultados revelam que o desvelamento da percepção acerca dos temas abordados constitui-se de grande valia para ações educativas críticas, transformadoras e emancipadoras em Educação Ambiental, que intensifiquem a atuação dos sujeitos como cidadãos críticos e criativos na definição de táticas de resistência. Além disto, @s catador@s relataram elementos que enriqueceram a reflexão acerca da problemática estudada. Como destaques, a importância do respeito, da honestidade e responsabilidade nas relações e a valorização do convívio social, isto é, na concepção de um ser ético e participativo, permitindo, assim, compreender alguns dos contextos permeantes em suas vidas.

Keywords:

Collectors.
Phenomenology. Socio-
environmental
perception.
Environmental
Education.

ABSTRACT: The qualitative, phenomenological research deals with Perception from the Merleau-Ponty perspective. It is presented as a problem-issue: how do collectors of recyclable material, from the region of Tubarão/SC, recognize/perceive themselves as subjects/actors in the context of acting in society? The research information (data) was "searched" with six subjects/actors, three males and three females, constituted by collectors who reside in different neighborhoods in a county of Santa Catarina. The search for information was carried out through recorded conversations, observations during the interviews, photos, drawings and others, with the approval of the subjects/actors studied according to documents submitted to the Research Ethics Committee. The studied phenomenon was interpreted based on adaptations of Colaizzi's Phenomenological Method and its highlighted essences and main assertions, glimpsing processes and potentialities of self-knowledge, belonging and visibility of the subjects/actors also between themselves and the society by the education bias and/or the Environmental Education. The results show that the

unveiling of the perception about the topics covered is of great value for critical, transformative and emancipatory educational actions in Environmental Education, that intensify the actions of the subjects as critical and creative citizens in the definition of resistance tactics. In addition, the collectors reported elements that enriched the reflection on the studied problem. Highlighting the importance of respect, honesty and responsibility in relationships and the appreciation of social life, that is, in the conception of an ethical and participative being, allowing, in this manner, understand some of the permeating contexts in their lives.

Iniciando na temática

Com o processo de urbanização e expansão das cidades, vemos que diversas regiões passam por problemas complexos em relação aos resíduos sólidos. Tais fatores, como a crescente taxa de geração de lixo *per capita* e a má administração desses resíduos, são responsáveis por ocasionar diversos transtornos à população e aos diferentes ambientes. Além disto, o agravamento das questões socioambientais, no tocante aos resíduos sólidos, é um dos males que afligem, intensamente, a humanidade atualmente.

Os problemas socioeconômicos e ambientais como a contaminação das águas, do solo, a disseminação de doenças, as dificuldades de gestão dos resíduos sólidos, dentre outros, são considerados por Ferreira e Anjos (2001) como alguns dos desafios. Nesse sentido, é preciso atentar para as dimensões social, econômica, política, ética e estética que permeiam a reflexão acerca dos resíduos sólidos. Demajorovic, Besen e Rathsam (2006) intensificam essa preocupação para a dimensão social relativa aos problemas gerados para *os catadores* que, na sua maioria, trabalham em áreas de risco. Bauman e Donkis (2014) ressaltam que o consumo se faz e se dá também por um viés de interesse e dimensão política e a partir dela. É importante, pois, ponderar que

o desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu 'valor monetário' (BAUMAN, 2004, p. 96).

No caso dos resíduos sólidos, é necessário dimensionar que, para além dos demais problemas advindos, a questão social faz-se presente não apenas nos excluídos nas grandes cidades e que se alimentam do lixo, mas também por outra ordem, dos seres trabalhadores – *os catadores* de material reciclável – que fazem desta uma fonte de subsistência.

Sanchez (2003) considera que *os catadores* de material reciclável constituem papel fundamental para o êxito do sistema da gestão dos resíduos sólidos, porém, eles ainda não se reconhecem na gestão de tais resíduos.

O desconhecimento por parte da população acerca do gerenciamento dos resíduos prejudica o trabalho *dos catadores* de materiais recicláveis, visto que uma grande

quantidade de material que pode ser reciclado ou reutilizado está recebendo outra destinação, usualmente agredindo o meio ambiente (RIBEIRO *et al.*, 2011).

Gonçalves (2004) elucida que, na busca da solução para a crise socioeconômica enfrentada pelas nações, é necessário que todos revejam seus hábitos e reconheçam que suas ações estão interligadas e interferem na vida dos demais.

Neste sentido, a Educação Ambiental (EA) tem contribuído significativamente, haja vista seu potencial de mediação entre o campo ambiental e a esfera educacional, no enfrentamento dos problemas ocasionados pela crise ecológica; para tanto, trabalha com diversos saberes e produz concepções, reflexões, métodos e experiências que objetivam engendrar novos fundamentos de conhecimento e valores ecológicos nesta e nas futuras gerações (CARVALHO, 2004). Vale ressaltar que sendo a educação um potencial impulsor das dinâmicas do sistema social, é fundamental que os educadores participem da elaboração de propostas que visam ao enfrentamento desta crise socioambiental (GUIMARÃES, 2004).

A EA explora as relações entre cultura e natureza, demonstrando que por meio da natureza reencontramos nossa própria personalidade humana e a nossa relação com os demais seres vivos (SAUVÉ, 2005). Acreditamos que a EA constitui-se instrumento para a mudança da sociedade, para uma atuação ética, política e emancipadora. Para Sato (2001), é fundamental comprometer-se e lutar por inclusão social, proteção ecológica e democracia. Sob um viés de luta contra a opressão, e de rompimento com a colonialidade, Stortti e Sanchez-Pereira (2017) discutem a possibilidade de uma EA crítica/decolonial, nascendo de grupos subalternos organizados a partir de lutas em defesa da vida, dos modos de produção da vida e existência, e que implicam na concepção do que Uchôa, Castro e Sanchez (2016) consideram processos pedagógicos que superam as condições de opressão. Stortti e Sanchez-Pereira (2017, p. 19) acreditam que as experiências dos movimentos sociais, os movimentos de resistência, “produzem pedagogias e essas são fundamentais para a fundamentação da luta socioambiental”.

É imprescindível que os processos sensibilizadores em EA sejam subsidiados pelas percepções dos sujeitos, visto que tal abordagem possibilita uma maior compreensão do fenômeno, colaborando para as investigações e ações na área da EA (MARCOMIN; SATO, 2016). Para as autoras, será através de uma investigação apurada das relações humanas no ambiente que se conhecerão e compreenderão os múltiplos significados e expressões da percepção, visando à avaliação e incorporação de práticas sustentáveis.

Apesar de toda a potencialidade da EA, os problemas ambientais gradativamente ficam mais frequentes; assim, de acordo com Eichenberger e Pereira (2016, p. 126), a EA ainda não conseguiu fazer com “[...] que o ser humano tenha ‘conhecimentos necessários’ ao desenvolvimento das práticas que levam a mudanças de comportamento [...]”, por isto, a

necessidade de uma mudança, na sociedade, de princípios e percepção acerca de si, do mundo, da vida e das condições que o oprimem.

Consideramos a EA fundamental na busca da valorização d@ profissional catad@r de material reciclável, bem como para a quebra de paradigma da relação que estabelece consigo mesm@ e da relação que a população estabelece com ele, já que viabiliza uma percepção mais estreita dos seres consigo, entre si e com o ambiente. Assim, para que as ações educativas – nessa direção – sejam profícuas, faz-se necessário conhecer a percepção destes agentes (catador@s) sobre o papel que exercem e poderão exercer na sociedade e no seu ambiente de trabalho, bem como seu lugar no mundo. Para Sanchez, Monteiro e Monteiro (2010), o estudo da percepção ambiental aproxima o pesquisador da realidade social onde se insere, permitindo a compreensão dos códigos de linguagem das pessoas estudadas.

Nesse sentido, a questão que sustenta esta pesquisa é: como @s catador@s de material reciclável se reconhecem/percebem enquanto sujeitos/atores no contexto de seus espaços de vida, de atuação na sociedade?

É de suma importância ressaltar que as informações e interpretações desveladas, o conhecimento acerca da percepção que @s catador@s de material reciclável possuem de si próprios, do seu trabalho e seu entorno podem despertar para a compreensão do sentimento de pertencimento; assim como a possibilidade da consciência, de empoderamento e emancipação é outra questão importante, posto que a luta pela existência de uma associação de catador@s poderia suprimir o papel do intermediário na cadeia de gestão do resíduo sólido, extinguindo, assim, a exploração d@s catador@s pelos intermediários.

Além de subsidiar processos de sensibilização e re(existência). Consideramos re(existência) como “[...] uma determinada forma de existência, um determinado modo de vida e de produção, por modos diferenciados de sentir, agir e pensar” o mundo (PORTO-GONÇALVES, 2001, p. 130) e não somente o resistir às dificuldades, na busca por seu autorreconhecimento, valorização e também com efeitos no reconhecimento e valorização pessoal e dos seus filhos na escola e sociedade como um todo. Portanto, aqui, “o que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. [...] Foi a vida [...] o que se tornou o objeto das lutas políticas [...]” (FOUCAULT, 2001, p. 136).

Mesmo porque a responsabilidade da sociedade com esses sujeitos/atores estende-se também para a educação de seus filhos e netos na escola. Se catador@s não se percebem como seres pertencentes à sociedade, de importância **na** e **para** a sociedade, como seus filhos se perceberão enquanto estudantes, sujeitos e filhos de catador@s? A educação como um todo, a escola e a sociedade precisam estar comprometidas também com a formação dessas

crianças e adolescentes, com a preocupação de uma educação inclusiva e livre da marginalização, da exclusão e dos trabalhos silenciosos de seres in(visíveis) à sociedade.

O principal objetivo do estudo constitui-se em desvelar como @s catador@s de material reciclável se percebem enquanto sujeitos no seu contexto cotidiano, nos seus espaços de vida, de atuação na sociedade e no universo do material descartado pela sociedade.

Trata-se de um recorte de uma pesquisa maior, a qual abrange a percepção d@s catador@s de materiais recicláveis sobre diversos aspectos. Para efeitos deste trabalho, trazemos somente as questões relativas à cidadania, ao autorreconhecimento do catador enquanto profissional e ser do mundo, à importância para a sociedade.

@s catador@s: seres (in)visíveis?

O Catador

Um homem catava pregos no chão.
Sempre os encontrava deitados de comprido,
ou de lado,
ou de joelhos no chão.
Nunca de ponta.
Assim eles não furam mais – o homem pensava.
Eles não exercem mais a função de pregar.
São patrimônios inúteis da humanidade.
Ganharam o privilégio do abandono.

O homem passava o dia inteiro nessa função de
catar
pregos enferrujados.
Acho que essa tarefa lhe dava algum estado.
Estado de pessoas que se enfeitam a trapos.
Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser.
Garante a soberania de Ser mais do que Ter.

Manoel de Barros - Poesia Completa (2010, p.
410).

Ao iniciarmos com Manoel de Barros e sua obra “O catador”, reportamo-nos à necessária busca da concepção d@ catad@r como cidadão **do/no** mundo. Assim, a história sobre a origem da profissão d@s catador@s é antiga. Eigenheer (2009) ressalta que, na Europa do século XIX, estes sujeitos já estavam na mira de teóricos e partidários dos movimentos revolucionários, vendo-os não somente como resultado de um sistema capitalista degradante, mas também como agentes importantes da estratégia revolucionária, isto é, a resistência nas cidades poderia dispor de um público eventualmente contestador. Inicialmente a atividade do catador, na sua luta pela sobrevivência, não estava relacionada à limpeza das cidades, constantemente era necessário que @s catador@s fossem controlados. Em Paris, no século XIX, estes indivíduos comprometiam significativamente a limpeza das cidades e dos sistemas de coleta ao procurarem seus materiais de forma descuidada (EIGENHEER, 2009).

A profissão d@s catador@s foi reconhecida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) pela Portaria nº 397, de 9 de outubro de 2002, do Ministério do Trabalho, sob o Código nº 5.192-05. Sua norma legal descreve @s catador@s de materiais recicláveis como os profissionais que catam e comercializam os materiais recicláveis; organizam-se de forma autônoma ou em associações e cooperativas, sendo estas geridas pel@s própri@s

catador@s. Além disto, @s catador@s de material reciclável constituem-se um dos principais atores para o sucesso da Lei nº 12.305/10, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), a qual conta com uma série de instrumentos necessários ao enfretamento dos principais problemas ambientais, sociais e econômicos do Brasil oriundos da má gestão dos resíduos sólidos.

Atualmente, @s catador@s participam consideravelmente da gestão de resíduos sólidos no Brasil, e, apesar da importância para a sociedade, muitos ainda trabalham na informalidade. @s catador@s de material reciclável atuam em todos os municípios do país, fazendo com que parte significativa dos resíduos destinados aos lixões ou aterros seja inserida novamente no processo produtivo. Abreu (2001) destaca que a cadeia de reciclagem vai desde @s catador@s de material reciclável, passa por intermediários e culmina nas empresas de beneficiamento de plástico, vidro, papel, alumínio e ferro.

A respeito das cooperativas e associações de catador@s, Scherer-Warren (1993) elucida que as articulações da sociedade civil no formato de redes asseguram o empoderamento dos movimentos sociais, visto que possibilitam a aproximação e a elaboração de ambientes interorganizacionais de trocas, comunicação e discussão, sobre as bases das ações coletivas. As associações de catador@s de materiais recicláveis possuem papel social, educacional e econômico expressivo à sociedade e aos associados, já que estimulam um maior envolvimento e a intervenção na realidade socioambiental da comunidade (SPOSATI, 1998).

No Brasil, ainda não possuímos uma estimativa precisa acerca do número total de catador@s de material reciclável. A exemplo desta situação, citamos a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2008 (IBGE, 2008), revelando que no Brasil há cerca de 70 mil catador@s de material reciclável em áreas urbanas. O Movimento Nacional d@s Catador@s Recicláveis (MNCR, 2014) declara a existência de mais de 800 mil catador@s em atividade no Brasil, entre os quais 70% seriam mulheres. O Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2014) estima em cerca de 600 mil catador@s. Assim, uma significativa parcela da população brasileira garante o seu sustento com o recolhimento dos resíduos recicláveis. Calcula-se que cerca de 700 mil crianças sejam sustentadas por meio da renda de coleta de material reciclável (MNCR, 2014).

Para Layrargues (2002, p. 191), se a indústria da reciclagem não apoia a criação de cooperativas de catadores e sua justa remuneração, mas apenas “a ‘troca’ de equipamentos por latas de alumínio vazias, é porque essa é provavelmente a opção mais econômica”. O que também seria um agravante.

Entendemos que as percepções que os catador@s possuem acerca de si, do seu trabalho e do seu ambiente são de grande relevância na busca por sua emancipação, como

diria Freire (1992, p. 74), para que a dificuldade encontrada no dia a dia “não lhes apareça como algo fatal e intransponível, mas como uma situação desafiadora, que apenas o limita”.

Assim, a educação enquanto processo deve “humanizar” a sociedade e favorecer processos sustentáveis, de respeito à natureza e à vida humana. Para Jacobi (2005), a EA pode promover a cidadania, uma vez que corresponde ao pertencimento e à identidade numa coletividade, dada a nova forma de encarar a relação do sujeito com a natureza, ou seja, uma nova forma de ver o mundo e os homens. Guimarães (2007) também reforça a importância do sentimento de pertencimento para uma inserção crítica do sujeito no mundo.

A educação então concebida como prática da liberdade, como premissa da negação, “a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente de homens”, tendo em vista que esta educação propõe a reflexão acerca das pessoas e suas relações com o mundo (FREIRE, 2013, p. 81). Neste contexto, Uchôa, Castro e Sanchez (2017, p. 8) propõem, à luz das ideias de Paulo Freire, o conceito de “oprimido ambiental”, contemplando o processo de tomada de consciência do sujeito e de como se constitui como ser humano, considerando as condições ambientais em que ele está inserido. Nesse conceito encontram-se as populações que de algum modo vivem relações que oprimem o sujeito ambientalmente. “Não se trata aqui de seu poder aquisitivo propriamente dito, capaz de fornecer uma melhor ou pior qualidade de vida. Trata-se da imposição que o capitalismo impõe ao ser humano na restrição de seu bem comum: os espaços e recursos naturais”.

A construção do percurso (caminho)

O trabalho decorre de uma pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 2010), pautada pela vertente da Fenomenologia da percepção Merleau-Pontyana (1999). Sato (2016, p. 22) considera que “a fenomenologia interpreta sentidos polissêmicos, suscitando as relações entre os humanos, não humanos, coisas e natureza, sem que nada ou ninguém perca a singularidade dos sentidos”. O fenômeno foi interpretado e as suas essências e assertivas principais destacadas com base em adaptações do Método Fenomenológico de Colaizzi (1978 *apud* MOREIRA, 2002), empregado por Marcomin, Mendonça, Siqueira e Plá (2017).

Foram definidos diferentes bairros de um município no sul de Santa Catarina, e a indicação dos catadores foi efetuada por funcionários públicos, dos Centros Regionais de Assistência Social (CRAS) e de catadores e comerciantes de materiais recicláveis. Para cada macrorregião estudada foram convidados dois catadores, um do sexo masculino e outro do feminino; totalizando 06 sujeitos/atores. Suas imagens foram elaboradas por XXXX.

Buscamos e aprofundamos as informações dos sujeitos por meio da gravação dos diálogos, da observação durante os encontros e dos registros fotográficos. Todos os procedimentos junto @s catador@s foram efetuados mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e submetido ao CEP da universidade.

A partir da transcrição dos diálogos, foi realizada a “extração de assertivas significativas”. Em seguida, o pesquisador atribui o sentido de cada uma delas e Colaizzi (1978 *apud* MOREIRA, 2002) destaca que a subjetividade é fundamental para este processo, visto que o pesquisador deve compreender o que cada assertiva anuncia. Logo após, é realizada uma revisão dos sentidos e constituído o “conjunto de temas”. Para validá-los o autor recomenda a releitura das transcrições originais, analisando a relação dos conjuntos com o exposto nos diálogos.

Neste estudo, chamamos a “validação”, sugerida pelo autor supracitado, de **compartilhamento** da pesquisa, pois gerou novos diálogos. Impressionou-nos a reação d@s catador@s diante do volume de páginas transcritas: “Tudo isso?”, “Nossa!”, “Falei muito, né [...]” [*sic*]. “Você confia em mim? Então eu confio no senhor” e “Não preciso olhar nada e nem mudar nada. Tudo o que disse é a verdade!”. Respeitamos a oralidade, expressividade e o silêncio dos sujeitos/atores, seus tempos e espaços, relatando o fenômeno de forma fluida.

Vislumbrando as impressões e expressões: cidadania

Antes de adentrarmos na discussão dos relatos acerca da cidadania, faz-se necessário atentar para o fato de que muitas vezes discutimos a problemática do lixo sem considerar os sujeitos/atores que garantem a sua sobrevivência por meio do recolhimento dos materiais recicláveis. Cabe ressaltar que objetivamos dar vez e voz aos sujeitos/atores, inúmeras vezes in(visíveis) à sociedade, por isso, com o consentimento del@s, apresentamos seus nomes. Não “reparar” nessas pessoas representa uma perda significativa, pois deixamos de contemplar toda uma história de vida, uma luta pela sobrevivência.

A partir dessas lutas, podemos pensar que crítico significa dar atenção a esses discursos que, muitas vezes, não são diretamente relacionados à questão ambiental, mas que falam sim de um meio ambiente em uma perspectiva mais ampla, uma perspectiva social, cultural, política e, nesse sentido que ronda o ser humano, que forma os XXVII acoplamentos estruturais possíveis de uma sociedade que tem a capacidade de produzir a si própria, isto é, a autopoiese (Maturana). (SANCHEZ; STORTTI, 2018, p. 24)

A compreensão do termo cidadania é importante, já que representa a participação dos indivíduos em busca da igualdade em todos os campos da realidade humana, a luta pela conquista e ampliação dos direitos civis, políticos e sociais (MARTINS, 2000).

Ao serem questionados sobre cidadania, no caso, o que é ser cidadão, dos seis catador@s com quem se estabeleceram os diálogos, três não responderam à pergunta. Dona Leda, seu Sérgio e dona Beatriz informaram que desconhecem o significado do termo.

A percepção de cidadania d@s catador@s de materiais recicláveis constitui-se importante, visto que ela é, na concepção de Carvalho (2008, p. 11), um direito social e um pré-requisito para a ampliação de outros direitos. “A ausência de uma população educada tem sido sempre um dos principais obstáculos à construção da cidadania civil e política.”

O questionamento realizado também nos possibilitou constatar que a percepção d@s catador@s de material reciclável acerca da cidadania está diretamente relacionada ao princípio de honestidade. Para os três catador@s que responderam à pergunta, ser cidadão é ter honestidade.

A cidadania possui uma conotação de conquista, e sua efetivação representa a capacidade de organização e mobilização da sociedade civil. A EA é um instrumento importante para alcançá-la (RUSCHEINSKY, 2001).

O catador João Quiboa exemplifica o conceito de cidadania através de um recente acontecimento. Ao chegar em casa após realizar as compras no supermercado, o catador notou que dentro da sacola tinha alguns itens que não eram seus e devolveu. Portanto, a figura do cidadão para o catador João Quiboa está associada à questão da ética.

(silêncio) o que é que é ser cidadão? (silêncio) A minha opinião, pra ser um cidadão (silêncio) a pessoa, (silêncio), a pessoa pra ser cidadão, a pessoa, professora vai no mercado, compra, aí no final tem alguma pessoa que pega enganado e coloca na bolsa da pessoa, aconteceu comigo, agora ainda pouco, há poucos dias, fui comprá, fazer uma comprinha pra mãe, aí cheguei, minha sobrinha aqui, daqui a pouco olhei, isso aqui não é meu. [sic] (JOÃO QUIBOA).

Assim como seu João Quiboa, o catador João Batata também relaciona a cidadania à esfera ética, embora não empregue esse termo.

O que é sê cidadão? Cidadão seria uma pessoa honesta, se você vai onde, você vai onde que é bem recebido, né, procura ser sério, não incomoda ninguém, não deve nada pra ninguém, não é verdade? Trabalho honesto, tudo o que faço é meu, nada é de ninguém, não é roubo de ninguém, é só trabalho honesto. Ganhei, ganhei, se não ganhei fico em casa. Pra que que eu vou lá mexer numa coisa que não é minha [...] não é verdade? Por que que eu vou mexer numa coisa que não é meu? Não é meu, não foi eu, não passei trabalho pra ganhá. Por que que eu vou lá mexer? [...] Tem que mexer no que é meu, no que eu passei trabalho pra ganhá. [...] [sic] (JOÃO BATATA).

Vemos as semelhanças dos relatos de seu João Batata e dona Generosa. Vários elementos do texto possuem similaridade considerável. Primeiramente, ambos expressam que para ser cidadão um indivíduo necessita “ser uma pessoa honesta”, além disto, a questão do respeito ao próximo, descrito como “você vai onde que é bem recebido” ou “[...] tudo o que faço é meu, nada é de ninguém, não é roubo de ninguém [...]”, mostra que a percepção de

cidadania para estes dois catador@s está vinculada ao reconhecimento de sua honestidade perante a sociedade. Diante dos relatos, cabe destacar o papel da honestidade, visto que para determinados autores, como Weil (1961, p. 91), somente esta já bastaria para determinar um comportamento ético, pois “[...] contém em si todos os outros”.

Ah, pois agora [...] (silêncio) Cidadão? Agora tu me pegou (risos) [...] (silêncio) precisa assim, a pessoa ser uma pessoa direita, né! Assim, uma pessoa honesta, assim, pessoa honesta, pessoa assim, que por exemplo, assim, teve boa formação. Eu acho assim, né, que por exemplo, se eu for num lugar, [...] se eu não for uma pessoa boa, se chega uma pessoa, já diz: ‘Ó, não bota essa fulana pra dentro da tua casa que essa fulana é assim.’ Assim, pra mim ser um cidadão bom acho que é isso[...] uma pessoa honesta, uma pessoa que não briga, uma pessoa que não, não mexe nas coisa dos outro, não. Respeita os mais velho, procura ajudar uma pessoa [...] [sic]. (GENEROSA).

Apesar da significativa semelhança entre o relato de seu João Batata e dona Generosa, a catadora vai adiante e traz mais elementos acerca da sua percepção de cidadania. Para tanto, dona Generosa exemplifica a cidadania através dos atendimentos tidos para tratar de seus problemas de saúde, no caso, os atendimentos que recebeu nas unidades de saúde e com o seu atual médico. A catadora acredita que, além do respeito, a questão do reconhecimento e do afeto também se faz necessária. Sentir-se “importante”, ter “valor”, para dona Generosa, são primordiais ao desempenho da cidadania.

[...] por exemplo, se a gente vai aqui, aqui no postinho, esses tempo eu fui ali, disse pra ela que eu tava, assim, aborrecida, tava doente, eu tive que meter bronca, ela diz: ‘Ih, vem lá de novo!’ Tendesse como é? [...] eles não respeitam as pessoa mais velha, entendesse? Eu digo assim, tem que respeitar as pessoa mais velha, [...] Ó, ontem o médico que eu fui lá, esse psiquiatra, quando ele me viu, ele já veio correndo me abraçá, então [...]. ‘Essa aqui é minha paciente querida!’ Já me abraçou. ‘A senhora pra mim já tem muito valor’, ele disse. Entendesse, então eu já senti que ele pra mim, ele deu valor [...] importante, respeitada. Como ele disse, não, a gente tem que respeitar, [...] já tem um doutor, lá, o outro médico que era antes, não, doutor. ‘Se a senhora puder trabalhar, a senhora vai trabalhando, tá?’. E ele já não. [sic] (GENEROSA).

Nenhum dos sujeitos/atores da pesquisa conseguiu perceber as múltiplas dimensões indispensáveis ao exercício da cidadania. Vislumbram a cidadania a partir de suas ações, mas não reconhecem os direitos a que um cidadão pleno faz juz. Não se percebem nesse universo de direitos. Para Freire (2011), perceber-se no mundo implica em assumir uma posição de quem luta para ser sujeito da história e não de quem se adapta a ele. Neste contexto compreendemos que a EA, enquanto instrumento, tem a responsabilidade de estimular a formação de cidadãos que busquem pela autorrealização e recuperação de direitos e deveres nas mais diversas esferas (política, econômica, social, ambiental, entre outras), ou seja, no exercício pleno da condição de ser humano, da “vocação para o ser mais, enquanto expressão da natureza humana, fazendo-se na História” (FREIRE, 1992, p. 11). Assim, promover nos espaços da comunidade processos educativos em EA, de rompimento com a cultura capitalista que oprime e torna as pessoas alienadas, sem perspectiva e desprovidas de sonhos, deve ser

um compromisso dos educadores, quer no âmbito das escolas, junto a seus filhos, ou nas universidades que se acham próximas a esses sujeitos.

Nessa direção, é conveniente citar aqui parte do texto de Santos (2007), durante sua participação no 6º Festival do Lixo e Cidadania realizado em Belo Horizonte, a convite do MNCR.

Aprendi que os seres humanos, mesmo os mais excluídos e nas condições mais indignas – aqueles para quem o nosso lixo é um luxo e o endereço é um viaduto ou uma soleira de porta – não desistem de lutar por uma vida digna, assente na reivindicação de direitos de cidadania que, apesar de impunemente desrespeitados, lhes dão notícia da sua humanidade. [...] Apenas fiquei a saber melhor que os excluídos não precisam que lhes ensinem o que é uma vida digna. Precisam apenas de aliados que possam dar testemunho deles e, com isso, ampliar a sua voz e a sua luta (SANTOS, 2007, p. 1).

Nesse sentido, consideramos ser prudente uma educação e uma abordagem pedagógica emancipadora, que, de acordo com Freire (1992), é construída com o sujeito para que, como povo, lute por sua humanidade, fazendo da opressão motivo de reflexão dos oprimidos para que lutem por sua libertação.

Destacamos, então, aqui, o papel da educação para a cidadania, uma educação para o desenvolvimento e para a democracia na concepção de Freire (2007, p. 97), que possibilite ao indivíduo discutir sobre sua problemática, seu papel diante desta, alertando-o dos perigos para que, consciente deles, ganhe “a força e a coragem de lutar”.

Reconhecimento pessoal e profissional

Quando questionado a respeito do reconhecimento por parte da sociedade quanto à profissão de catador@ de material reciclável, seu João Batata relatou que a população respeita a sua profissão, afirmando que a consideram importante. Na opinião de seu João Batata, essa valorização ocorre porque a comunidade nunca o incomodou haja vista entenderem que é uma fonte de sobrevivência e também por sua atividade não gerar transtornos à comunidade. Ou seja, não levantou a questão do direito que possui de exercer seu trabalho com dignidade e do respeito que todo ser humano merece, mas, sim, referiu-se ao fato de não gerar incômodos à sociedade e nem ser incomodado por ela. Também não levantou a questão sob o ponto de vista socioambiental. “Eles acham importante, é que eles nunca me incomodaram com isso aí [...] não, nunca me incomodaram, sabe que isso aí é um ganha-pão, isso aí não é sujeira, não é nada, tá toda vida limpinho, é uma coisa que não dá mosquito, não dá nada, tudo limpinho.” [sic] (JOÃO BATATA).

Além disto, ao comentar sobre a sua rota, questionamos seu João Batata se a população se queixava de alguma forma, enquanto o catador transitava com a sua carroça pela região, já que essa possui um tráfego significativo de veículos na área.

Não, não reclamam nada, não, aí que eles assim: ‘Vocês tão fazendo a limpeza pra nós, a gente ajuda. Vocês ajuda fazê limpeza pra nós, vocês tão fazendo a limpeza pra nós.’ Muitas coisas que a gente, eles guardo pra gente papelão, a gente bota também, muita gente que faz isso, **mas tem muita gente que prefiro jogar no lixo que dá pra gente, são egoísta, né, muita pessoa que são.** [sic] (grifo nosso). (JOÃO BATATA).

No caso de seu Sérgio e dona Generosa, os relatos foram realizados de forma sucinta, ambos acreditam que a população reconhece a sua profissão. O catador destaca que “sim, sim, respeito sim [...] conhecem sim, conhecem, [...] com respeito, sempre, uhum” (SÉRGIO), enquanto a catadora faz o seguinte comentário: “Tudo bem [...] só reclamo quando anda com o carrinho no meio da estrada: ‘O, barbeira, sai da estrada’ (risos). Aí assim, às vezes é alguma pessoa que é conhecida: ‘Vou te multar, hein’ (risos), brincando, né, vou te multar, né” [sic] (GENEROSA).

O relato de dona Leda, diferentemente dos anteriores, apresenta mais detalhes e ressalta que não pode reclamar de nada, isto é, além do reconhecimento, algumas pessoas a ajudam, seja doando roupas ou alimentos. Não compreende ainda essa sua condição. O que poderíamos traduzir como o “oprimido ambiental” na concepção de Uchôa, Castro e Sanchez (2017, p. 8), já que está submetida à restrição de bens comuns.

São muito boas pra mim. Olha, [...] chega no Natal, eles chego até me dá cesta básica, como eu ganhei lá da filha do Neném. Lá no Campestre lá, [...] elas chegaram a dá uma cestinha básica pra mim e outra pras minha filha, a minha filha que eu falei pra ela, a minha filha tinha filho e pagava aluguel. Ela assim: ‘Pois eu vou arrumá duas cestinha pra senhora, uma pra senhora e outra pra sua filha.’ Pois elas me dero, e a mãe dela, mulhé do céu, até o feijãozinho que botei agora no fogo foi ela que me deu, [...] cada vez que eu vou lá, ela me dá um meio litro de leite, um quilo de trigo, [...] gente bem boa, é muito boa também. E além de eu saí pra ganhá as minha coisa, ainda ganho uma roupinha, [...] eles me tratam muito bem, muito bem [...] [sic] (LEDA).

Mesmo dizendo que não há motivos para reclamar, a catadora cita alguns conflitos ocorridos durante a realização de seu percurso, e nestas situações dona Leda demonstra-se incisiva. “Na rua também, ninguém desrespeita comigo, se desrespeita já leva, porque [...] (risos), não, uma coisa eu falo pra senhora nessa minha mesa sagrada, [...] eu não trago desaforo pra dentro da minha casa. [...] com meu suor, trazê desaforo! [...] (risos)” [sic] (LEDA).

Dona Leda deixa claro que, embora não tenha sido importunada, reagiria, revelando a personalidade forte e aguerrida, quando se trata de lutar pelo que acha certo.

O relato de seu João Quiboa compreende o que Merleau-Ponty (1999) considera como uma interpretação incompleta e provisória da percepção, e não uma compreensão

completa de um determinado objeto (MERLEAU-PONTY, 1999), já que inicialmente o catador revela que a população reconhece a importância do catador@ de material reciclável. “Reconhece [...] acho, acho muito importante, sim, as pessoas acham importante, e muitos dizem pra mim: ‘João Quiboa, e se não fosse vocês vim catá essa reciclagem?’” [sic] (JOÃO QUIBOA). Porém, em outros trechos de nossa conversa, o catador relata algumas situações em que há um desmerecimento da profissão. Embora a comunidade em que se acha inserido, de fato, reconheça a importância desta ocupação, uma parcela da população ainda se mostra preconceituosa.

O catador de reciclagem, eles não deram valor, o que era pra dar valor pra nós catador, que cada um que passa na estrada, professora, não chamo catador, lá tá passando um lixeiro, lá tá passando um fedorento [...] falam: ‘Lá tá passando um mendigo’ [...] ainda tem alguém que fala maldoso e maldosa [...] [sic] (JOÃO QUIBOA).

Notamos uma similaridade significativa no exposto por seu João Quiboa com o relato de dona Beatriz, haja vista que a catadora também apresenta algumas situações em que o preconceito é visível. Embora as ocasiões onde o preconceito reina sejam relativamente inferiores aos momentos de compaixão, visto a descrição dest@s catador@s, também ocorrem:

Ainda tem alguém que fala maldoso. [...] Tem [...] é, só lá fora, sim, **que a gente encontra um ou outro**. Tem vez que a **gente até dá boa noite e boa tarde (vira a cara)**, tem alguns que já dão, já conversa bem com a gente, têm muitos que perguntam: ‘O, a senhora não apareceu mais, o que que houve? Até pensei que tinha acontecido alguma coisa.’ [...] [sic] (grifo nosso). (BEATRIZ)

Durante essa conversa, dona Beatriz demonstra sentimentos acerca das pessoas que relata se esquivarem dela. Para Merleau-Ponty (1999, p. 84), “o sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. É a ele que o objeto percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura”.

É necessário que haja compreensão sobre tais situações e empatia com essas pessoas, pois atitudes como as descritas ferem a dignidade humana. Ao nosso ver, @s catador@s persistem na re(existência) diante das configurações que se apresentam cotidianamente.

A importância para a sociedade

No que tange à importância de sua profissão para a sociedade, conforme a percepção destes profissionais, o relato de seu Sérgio denota que ele possui ciência da contribuição de sua profissão para a sociedade em função da limpeza da região, e pelo fato de “não incomodar ninguém”. Aliás, esse último aspecto é o de maior destaque, nas palavras do catador:

Eu acho que é, né, **porque no fim a gente tá limpando** o que, né, tá ajudando até, né, porque no fim [...] é, eu não tenho a reclamação de ninguém, não tenho reclamação de ninguém, **que ninguém me incomoda, eu também não incomodo ninguém, né, eles no canto deles, e eu no meu**, é. [sic] (grifo nosso). (SÉRGIO).

Que expressões e representações de cidadania e respeito são essas que enaltecem, de certo modo, a in(visibilidade) e o isolamento? É necessário promover reflexões acerca disso, inclusive junto a ess@s catador@s.

Acreditamos que nossa conversa com seu João Batata a este respeito está diretamente relacionada com o exposto por seu Sérgio, tendo em vista que o catador também relata, mesmo indiretamente, sobre o sujeito não se caracterizar como um “incômodo”. É importante ressaltar que tais catador@s residem em regiões com um número significativo de dependentes químicos, no contexto regional. Desta forma, no mínimo é intrigante a percepção destes catador@s, já que os mesmos informaram em outros momentos de nossas conversas os benefícios ambientais gerados a partir de seu trabalho, porém, ao questionarmos sobre a importância de sua ocupação para a sociedade, tais benefícios não foram mencionados.

Bota importante nisso, têm aquelas coisa meio ruim que vêm de fora (risos) [...] umas cacalhada que vêm de fora [...] droga, né [...] vende as coisa pra fumar pedra, [...]. Não, mas eles não querem, não querem conselho, não quer nada, não quer nada, eles querem viver aí, ó, nessa vida e mexer na coisa dos outro. Mexer o que tá dentro das casas dos outro, e roubar o que os outros têm, essa aí é um, ó. [sic] (JOÃO BATATA).

Ao perguntarmos para seu João Quiboa sobre a importância de sua profissão para a sociedade, o catador também não nos declarou os benefícios gerados a partir de seu trabalho, situação muito semelhante com as citadas anteriormente, tendo em vista que ele menciona, em outros momentos da conversa, que @ catador@ promove a limpeza da cidade ao recolher os materiais.

Referente à dona Beatriz e dona Leda, ambas as catadoras demonstraram-se surpresas ao serem perguntadas sobre a importância de sua profissão para outras pessoas. Argumentaram que sua profissão é muito importante para elas, porém não souberam responder se seu trabalho possui relevância para a sociedade. No caso de dona Beatriz, ela descreve que “é, é [...] importante [...] é importante porque a gente acha muita coisa, né, acha, acha bastante coisa” [sic] (BEATRIZ).

Dona Beatriz acredita que o fato de retirar muitos materiais para sua casa e família, como roupas, cobertores, utensílios domésticos, produtos de maquiagem, seja o que denota a importância de sua profissão. Não percebe a relevância de seu trabalho para a sociedade e para o meio ambiente. Na verdade, a exemplo de Merleau-Ponty (2004, p. 50), “cada ser é só, e ninguém pode dispensar os outros, não apenas por sua utilidade [...], mas para sua felicidade”. E salienta que não há vida em grupo desprovida de nossas relações com o outro.

Ao lermos todos os relatos, ficamos sensibilizados com o fato de que, apesar d@s catador@s de materiais recicláveis desempenharem um papel significativo em nossa sociedade por meio de seu trabalho e atuação, expressiva parcela destes profissionais não se reconhece como atores importantes **na e para** a região. Dona Generosa abordou um destes benefícios: “É, imagina, que pelo menos a cidade fica limpa, né, ó, em vez de ficar aquela coisarada jogada na rua, assim, no chão, eu acho que é muito importante, e eu acho que isso aí é muito bom” [sic]. Seu Sergio, como visto anteriormente, percebeu em parte essa contribuição à sociedade.

Diante destes relatos, fica claro que “ou cuidamos da vida em todas as suas formas, especialmente da vida humana, e de nossa Casa Comum, a Terra, ou podemos pôr em risco a nossa presença neste planeta” (BOFF, 2012, p. 19). Acreditamos que tais profissionais mereçam uma maior atenção por parte da população, em especial do poder público, visto que apesar de seus trabalhos contribuírem para a mitigação da problemática do lixo, muitas vezes não são reconhecidos pelos seus próximos e não recebem o mínimo de apoio por parte do governo no desenvolvimento de seu trabalho e sua qualidade de vida.

O desvelamento da percepção deste tema também diz respeito ao cunho fenomenológico desta pesquisa, pois, a exemplo de Freire (2013), não pretendemos investigar os seres humanos “como se fossem peças anatômicas”, mas o seu pensamento, a leitura e linguagem relativa à realidade, a percepção desta realidade, sua concepção do mundo.

Silva e Lima (2007) e Aquino (2007) argumentam que, apesar de toda a importância das ações desenvolvidas pel@s catador@s para o meio ambiente e para a sociedade em geral, estes ainda possuem uma visão social menosprezada e desqualificada de sua profissão; além disto, a população não reconhece de fato a sua ocupação e importância para a sociedade e para o ambiente onde vivem. Para Mota (2005), @s catador@s, além de atuarem de forma significativa na gestão de resíduos sólidos, também são agentes de sensibilização das pessoas, provocando-as para a mudança de conduta com relação aos resíduos sólidos e fundamentais na promoção da sustentabilidade planetária. É crucial que @ catador@ entenda seu papel “sensibilizador da população”, contribuindo para “elevar a sua autoestima” e percebendo-se como “quem tem a ensinar”, e não somente como “quem tem a aprender” (PINHEL, 2013, p. 13).

Alguns insights

Considerando que estamos distantes de um ponto final acerca do tema, apenas ousamos lançar luzes sobre a temática, tencionando que à educação em geral a invisibilidade de qualquer cidadão não seja encarada como uma normalidade, mas um estado anômalo das

coisas. E que, portanto, integre a zona do desconforto, para que todos – educadores e educandos – prestem mais atenção uns nos outros, no entorno, nesses cidadãos e em todos aqueles que de algum modo transitam pelo viés da invisibilidade.

Buscou-se, com este trabalho, dar voz e vez para trabalhador@s que possuem uma atuação significativa no que diz respeito às problemáticas socioambientais, visto que muitas vezes estes indivíduos são desconsiderados na discussão sobre o enfrentamento de tais problemas. O mesmo também ocorre em algumas iniciativas educacionais que objetivam o reconhecimento da classe, mas não reconhecem o quanto tais sujeitos podem enriquecer o debate; nestas situações a educação se esvazia de significado e nega a existência de tais trabalhadores, portanto, “simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar” (FREIRE, 1992, p. 141).

Concernente à percepção d@s catador@s a respeito da sociedade, salientamos a importância dos vínculos sociais constituídos a partir do trabalho para estes profissionais; inúmeros relatos abordam o quanto é benéfico o convívio social proporcionado pelo trabalho. Nossas conversas com @s catador@s também revelaram que a concepção destes profissionais quanto à cidadania dá-se principalmente por duas perspectivas, uma concebe o cidadão como um ser ético, com ações norteadas pelos “bons” valores, isto é, pela honestidade, respeito, compaixão, responsabilidade, solidariedade, entre outros. Enquanto a segunda concepção está relacionada à figura de um sujeito que não se caracteriza como uma inconveniência para a comunidade em que está inserido. Nossa suposição, com base nos relatos destes profissionais, é de que tal incômodo condiz com a associação de atividades criminosas. Em vista disso, ressaltamos a necessidade de práticas educativas que fomentem o desenvolvimento da plena cidadania nestes profissionais, na perspectiva de empoderamento, pois estes não se constituem apenas como pessoas de deveres, mas também de direitos, conseqüentemente, a promoção da participação d@s catador@s nos processos decisórios da esfera pública constitui-se necessária na garantia de seus direitos. A visibilidade, para além da dimensão do seu trabalho à sociedade, deve se dar como cidadãos de direitos ao lazer, a uma vida digna, sem necessitar de doações, por exemplo; o direito em todas as suas faces, direitos aos espaços de “vida”. Para Merleau-Ponty (1999, p. 634), não se trata do ser humano enquanto fator de produção, mas enquanto dá forma à sua vida, “enquanto ama, odeia”.

Por seu incomensurável papel à gestão dos resíduos sólidos, merecem também a garantia de políticas públicas que promovam a dignidade **no** e **do** trabalho e os habilite a reconhecerem-se no mundo. Acima de tudo, um reconhecimento de sua existência e resistência não porque não incomodem a comunidade, mas por existirem. De estarem no mundo e “lerem” com lentes críticas e criativas onde e como estão inseridos na sociedade, e, a

partir disso, vislumbrarem além da resistência, “táticas” (CERTEAU,2014) de luta e esperança para a conquista de uma vida digna e a formação de sociedades mais justas e democráticas. Para Adorno (1995, p. 142), “uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado”.

Essas pessoas merecem respeito e o direito de sonharem e concretizarem planos de vida atuais e futuros, para tanto, é necessário que se promovam condições que possibilitem a busca da individuação: “Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 17).

Uma vida plena com a serenidade de quem pode sonhar e, ao acordar, a garantia de que esses sonhos não são utopia, mas metas realizáveis na contemporaneidade. Por isso, resistir com coragem e lutar são fundamentais, pois nos aproximam da conquista de nossos sonhos.

AGRADECIMENTO

Em especial, @s catador@s entrevistad@s. Sem eles, o estudo nesse universo não seria possível. E ao Governo do Estado de Santa Catarina, pela bolsa UNIEDU/Pós-Graduação, que possibilitou a realização do Mestrado/pesquisa que originou este trabalho.

AS FONTES

ABREU, M. de F. **Do Lixo à Cidadania**: estratégias para a ação. Brasília: Unicef, 2001.

ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

AQUINO, I. F. **Proposição de uma rede de associações de catadores na região da grande Florianópolis**: alternativa de agregação de valor aos materiais recicláveis. 2007. 252 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de C. A. Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z.; DONKIS, L. **Cegueira Moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BOFF, L. **Cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora, 2010.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Política Nacional de Resíduos Sólidos**. 2014. Disponível em: <<http://www.mnrc.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, J. M. **A Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DEMAJOROVIC, J.; BESEN, G. R.; RATHSAM, A. A. Os desafios da gestão compartilhada de resíduos sólidos face à lógica do mercado. *In*: JACOBI, P.; FERREIRA, L. da C. **Diálogos em Ambiente e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 389-410. (Coletânea ANNPAS).

EICHENBERGER, J.; PEREIRA, V. A. Filosofia Hermenêutica e suas contribuições para Educação Ambiental. *In*: PEREIRA, V. A. (Org.). **Hermenêutica & Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico**. Juiz de Fora, MG: Garcia Edizioni, 2016. p. 110-132.

EIGENHEER, E. M. **A história do lixo: a limpeza urbana através dos tempos**. Porto Alegre: Ed. Pallotti, 2009.

FERREIRA, J. A.; ANJOS, L. A. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 17, n. 3, p. 689-696, maio/jun. 2001.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GONÇALVES, R. de S. **Catadores de Materiais Recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde**. 2004. 107 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2004.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

GUIMARÃES, M. **Educação ambiental**: participação para além dos muros da escola. *In*: Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Ministério da Educação, Ministério do Meio Ambiente, UNESCO. p. 85-93. Brasília, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Número de catadores de lixo na zona urbana, por grupos de idade**. 2008. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnsb/tabelas>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

JACOBI, P. Participação. *In*: FERRARO JÚNIOR, L. A.(Org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 229-236.

LAYRARGUES, P. P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. *In*: LOUREIRO, C. F. LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002. p. 179-220.

MARCOMIN, F. E; MENDONÇA, A.W. SIQUEIRA, A. B.; PLÁ, G. P. A educação ambiental e a percepção da paisagem. *In*: GIASSI, M. G.; MARTINS, M.da C.; SILVEIRA, Z. M. (Orgs.). **Práticas de ensino em ciências e educação ambiental**. Curitiba: Multideia, 2017. p. 127-142.

MARCOMIN, F. E.; SATO, M. Percepção, Paisagem e Educação Ambiental: uma investigação na região litorânea de Laguna-SC, Brasil. **Educ. Rev.** [online], v. 32, n. 2, p. 159-186, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698125694>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000200159&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 15 mar. 2018.

MARTINS, M. F. **Ensino técnico e globalização**: cidadania ou submissão? Campinas: Autores Associados, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas – 1948**. Tradução de Fábio Landa, Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MNCR. Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. **Mulheres são maioria entre Catadores de Materiais Recicláveis**. 2014. Disponível em: <<http://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

MOREIRA, D. A. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Thompson Pioneira, 2002.

MOTA, A. do V. Do lixo à cidadania. **Revista Democracia Viva**, Belo Horizonte, n. 27, p. 3-8, jun./jul. 2005.

PINHEL, J. R.(Org.). **Do lixo à cidadania**: guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

RIBEIRO, L. A. *et al.* Educação ambiental como instrumento de organização de catadores de materiais recicláveis na Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Campina Grande-PB.

Revista de Biologia e Farmácia, v. 5, n. 2, p. 59-72, 2011.

RUSCHEINSKY, A. **Educação Ambiental**: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SANCHEZ, E. Catador X Agente Ambiental. **Revista Limpeza Pública**, São Paulo, n. 60, p. 12, mar. 2003.

SANCHEZ, C.; STORTTI, M. A. Prefácio dos autores. *In*: KASSIADOU, A. (Org). **Educação Ambiental desde El Sur** 1. ed. atual. Macaé: Editora NUPEM, 2018. p. 22-90.

SANCHEZ, C.; MONTEIRO, B.; MONTEIRO, R. Na Trilha das Pedras: Algumas considerações sobre as metodologias de Educação Ambiental e o Processo de Escuta. **Rev. Eletrônica Mest. Educ. Ambient.**, v. 24, p. 384-396, jan./jul. 2010. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/viewFile/3910/2336>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SANTOS, B. de S. **Lixo e cidadania**. Coluna Visão, 27 de outubro, 2007.

SATO, M. Apaixonadamente pesquisadora em Educação Ambiental. **Educação, Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 9, n. 16/17, p. 24-35, 2001.

SATO, M. Ecofenomenologia: uma janela ao mundo. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, Ed. Especial, p. 10-27, jul. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/download>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SAUVÉ, L. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, ago. 2005.

SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola; Centro João XXIII, 1993.

SILVA, D. B.; LIMA, S. C. Catadores de Materiais Recicláveis em Uberlândia – MG, Brasil: estudo e recenseamento. **Caminhos de Geografia**, v. 8, n. 21, p. 82-98, 2007.

SPOSATI, A. Exclusão social abaixo da linha do Equador. São Paulo, PUC. *In*: SEMINÁRIO SOBRE EXCLUSÃO SOCIAL, abril de 1998. **Anais eletrônicos** [...] Disponível em: <<http://www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao/exclusao.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2016.

STORTTI, M. A.; SANCHEZ-PEREIRA, C. S. Reflexões sobre a Educação Ambiental Crítica em um Grupo de Pesquisa: um estudo de caso do Geasur. **AS&T**, v. 5, n. 1, p. 15-21, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.uezo.rj.gov.br/ojs/index.php/ast/article/view/138>>. Acesso em: 2 ago. 2019.

UCHÔA, R.; CASTRO, L.; SANCHEZ, C. Por uma educação ambiental contra-hegemônica: a construção do conceito de oprimido ambiental em Paulo Freire a partir da análise crítica da década da educação para o desenvolvimento sustentável (DEDS). **III Fórum de Educ. Ambiental Crítica**. 2016. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/events/562800900576805>. Acesso em: 4 abr. 2019.

UCHÔA, R.; CASTRO, L.; SANCHEZ, C. Análise da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (DEDS) da UNESCO a partir da leitura da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. *In*: IX EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental. Juiz

de Fora/MG, 13-16 de agosto de 2017. Universidade Federal de Juiz de Fora. p. 1-10. **Anais** [...] Juiz de Fora, 2017.

WEIL, E. **Philosophie morale**. Paris: Vrin, 1961.